



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARAIZA FERNANDA DOS SANTOS DOS ANJOS

**A ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER
NEGRA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MARAIZA FERNANDA DOS SANTOS DOS ANJOS

**A ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER
NEGRA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia M.^a Ferreira Vasconcelos.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Lídia Lima da Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

A619e

Anjos, Maraiza Fernanda dos Santos dos.

A escrita de Conceição Evaristo na representação da mulher negra na literatura afro-brasileira / Maraiza Fernanda dos Santos dos Anjos. - 2019.

52 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Maria Ferreira Vasconcelos.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Lídia Lima da Silva.

1. Escritoras negras - Brasil. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Negras na literatura.
I. Evaristo, Conceição, 1946 - - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 869

MARAIZA FERNANDA DOS SANTOS DOS ANJOS

**A ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER
NEGRA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 04 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Vânia Maria Ferreira Vasconcelos (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Mírian Sumica Carneiro Reis

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Eliane Gonçalves da Costa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a força maior que rege a minha vida e que me faz encontrar pessoas que reluz o meu caminho.

À minha rainha, que, apesar de ter partido fisicamente, se mantém em força e espírito ao meu lado. Me ajudando a conseguir. Obrigada, Voinha.

À minha mãe, guerreira, que fez o que pôde para ver suas filhas estudando, comendo, vivendo da melhor maneira possível. Eu te amo, mãe!

Agradeço a minha família, que aturou todos esses anos. Obrigada por tudo.

Aos amigos que tive a sorte de encontrar em meu caminho. Obrigada por me ajudarem, por serem presentes mesmo com minha ausência, por se importarem. Vocês são pedra que brilha para mim.

Agradeço imensamente aos colegas da turma pela união, pelo carinho. Agradeço em especial a Francisco, que nunca soltou a minha mão, me salvando todos os dias de meus abismos.

Aos professores quero agradecer pela paciência, por tanto que dedicaram a mim e a minha formação. Aos professores: Eduardo, Lidia, Lilian de Deus, Paulo Proença e a professora Vânia Vasconcelos em especial pela humanidade, carinho e dedicação. Não me esquecerei de vocês.

A todos que passaram por minha vida e contribuíram para minha permanência na universidade e nesse meu processo de formação profissional. Obrigada a todos!

**“A nossa escrevivência não pode ser lida para ‘ninar os da casa grande’ e sim para
incomodá-los em seus sonhos injustos”**

Conceição Evaristo

RESUMO

Esse trabalho tem como questão geral investigar como ocorre a representação da mulher negra na literatura afro-brasileira a partir da escrita de Conceição Evaristo. Atentando-se para os processos históricos de marginalização, violência e apagamento do ser mulher negra na sociedade brasileira e sua reverberação na literatura. A pesquisa se propõe a analisar a situação da literatura brasileira e os pressupostos que definem o pertencimento da autoria e do texto literário a uma literatura afro-brasileira. Para isso recorreremos às observações de Eduardo Assis Duarte (2011) e Maria Nazareth Soares Fonseca (2011) a respeito do panorama histórico dos movimentos negros literários e, assim, compreender a discussão sobre a afro-brasilidade, a pesquisa feita por Regina Dalcastagnè (2005), onde observarmos as questões da representação de personagem e da autoria negra na literatura brasileira. E para discutir sobre a escrita feminina na literatura afro-brasileira dois contos do livro **Olhos d'água** foram analisados: Olhos d'água e Maria. A busca pela identidade, memória e (des)silenciamento da mulher negra será também discutido, a fim de perceber como se traduz esses elementos literários na realidade social em que vivemos.

Palavras-chave: Escritoras negras - Brasil. Evaristo, Conceição, 1946 - - Crítica e interpretação. Literatura afro-brasileira. Negras na literatura.

ABSTRACT

This work has as general question to investigate how occurs the representation of the black woman in Afro-Brazilian literature from the writing of Conceição Evaristo. Taking into account the historical processes of marginalization, violence and erasure of being a black woman in Brazilian society and its reverberation in literature. The research proposes to analyze the Brazilian literature situation and the assumptions that define the authorship and the literary text to an Afro-Brazilian literature. In order to do so, we use the observations of Eduardo Assis Duarte (2011) and Maria Nazareth Soares Fonseca (2011) on the historical panorama of black literary movements and, thus, understand the discussion about Afro-Brazilian, the research done by Regina Dalcastagnè (2005), where we look at the issues of character representation and black authorship in Brazilian literature. And to discuss about female writing in Afro-Brazilian literature, two short stories from the book *Olhos d'água* were analyzed: *Olhos d'água* and *Maria*. The search for the identity, memory and (des)silencing of the black woman will also be discussed, in order to understand how these literary elements are translated into the social reality in which we live.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Black woman in literature. Black woman writers - Brazil. Evaristo, Conceição, 1946 - - Criticism and interpretation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico da porcentagem de personagens.....	23
Figura 2 – Gráfico da porcentagem da ocupação de personagens femininas.....	23
Figura 3 – Gráfico da porcentagem da étnica dos autores.....	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO/A NA LITERATURA	14
2.1	A ESCRITA LITERÁRIA.....	14
2.2	MANIFESTAÇÕES E MOVIMENTOS DE RESGATE DA IDENTIDADE NEGRA ...	15
2.3	LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UM NOVO OLHAR.....	22
3	ESCRITA NEGRA FEMININA: DEFINIÇÃO E LITERATURA CONTEMPORÂNEA	26
3.1	A MULHER NEGRA E A LITERATURA BRASILEIRA.....	26
3.2	(RE)SIGNIFICAÇÃO DOS MEIOS DE PUBLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA LITERATURA AFRO-FEMININA.....	29
4	CONCEIÇÃO EVARISTO: PERCURSO, OBRAS E DEPOIMENTOS	31
4.1	ESCREVIVÊNCIA	34
5	DO LIVRO OLHOS D'ÁGUA	37
5.1	CONTO OLHOS D'ÁGUA	37
5.2	CONTO MARIA	40
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45
	ANEXOS	46

1 INTRODUÇÃO

Por causa do processo de escravização exercido no Brasil, muito do literário sofreu com as imposições desse período colonial e, é a partir disso que surge a necessidade de um novo fazer literário, que conte de outra perspectiva as heterogeneidades brasileiras. Retirando do anonimato e das representações estereotipadas, a população negra, essa que foi a maior sofredora do período colonial no Brasil. Para esse objetivo é que surgem as lutas dos movimentos negros em diáspora, a fim de dar voz a vários autores negros que por estarem em seus lugares de fala conseguirão discutir, reivindicar e denunciar o racismo sofrido.

O processo dessa nova escrita literária se constitui a partir de movimentos de reivindicação da identidade negra, que é também responsável por uma consciência do ser negro (FONSECA 2011). É com base nesse pensamento que surge no Brasil o movimento literário **Cadernos negros** (1978), que teve sua primeira edição publicada pelo coletivo Quilombhoje. Esse movimento teve reverberação em vários estados brasileiros, promovendo, além da inclusão da autoria negra nos meios de divulgação, uma nova configuração dos personagens negros.

A literatura é, segundo Candido (1995) um direito básico do ser humano, por considerar a literatura base fundamental para a construção de um social humano e de uma consciência intelectual e afetiva. Por esse motivo é que se vê necessário a inclusão de uma literatura que faça uma ruptura com os moldes anteriormente vigentes de exclusão e marginalização de uma classe minoritária. Para que essas pessoas se vejam representadas nos textos e consigam construir um intelecto e um afetivo positivo.

Durante o desenvolvimento desse resgate identitário negro é que surge um olhar novo para as literaturas produzidas pelo negro afro-brasileiro e pela escrita negra feminina. A respeito dessa última podemos inferir ainda sobre o seu apagamento quase completo das histórias que fazem parte da construção do imaginário do país.

É na contemporaneidade, que, as mulheres escritoras negras ganham mais visibilidade. A literatura periférica, a que fala sobre os lugares inferiorizados adquirem maior expressividade.

A escrita negra feminina, na literatura afro-brasileira, busca além da desmistificação do estereótipo negro. Essa escrita tem um fator primordial de resgate da identidade feminina e do ser mulher na sociedade brasileira. Percebemos que escritoras como Conceição Evaristo – escritora que esse trabalho busca contextualizar – traz em sua literatura esse resgate da

verdadeira posição da mulher negra na sociedade e para além disso, denuncia e deixa em evidência a questão da memória e da ancestralidade. Elementos esses muito importantes para o reconhecimento da afrobrasilidade.

A presente monografia origina-se da necessidade do estudo sobre a representação da personagem feminina negra na literatura afro-brasileira e do levantamento de informações sobre a visibilidade da autoria negra no país. O trabalho contextualiza o histórico dos movimentos literários negros, enfatizando os caminhos percorridos por eles até a contemporaneidade.

O estudo foi realizado a partir da significativa reflexão sobre o contexto brasileiro e sua relação com o estereótipo negro feminino. Com base nisso, a questão geral abordada na monografia trata-se de analisar a escrita da escritora Conceição Evaristo na representação da mulher negra na literatura brasileira. Buscando em sua atuação, como escritora negra no Brasil e em seus escritos, indícios de confirmação da nova tentativa de (des)silenciamento das minorias.

Conceição Evaristo é uma escritora negra brasileira que traz como características de sua escrita memória, ancestralidade e a busca por uma identidade negra. O que a torna símbolo significativo da marcha pela valorização do fazer e do ser negra(o). Traz também em sua escrita literária uma riqueza poética que traduz até mesmo histórias mais complexas, de grande tristeza, de racismo, de denúncia e de revolução.

A produção literária da escritora, as questões sociais levantadas por ela em seu texto literário, conduz o leitor para uma reflexão da sua realidade enquanto sujeito numa sociedade estratificada e cheia de privilégios. Privilégios esses restritos para as camadas que detém o poder socioeconômico. Nesse sentido, a pesquisa se baseia na compreensão do surgimento dos movimentos negros no mundo e suas reivindicações no que se refere a anulação ou invalidação do mito da democracia racial. Para essa análise partimos do estudo dos movimentos diaspóricos negros, da pesquisa sobre a luta negra no decorrer dos séculos e de suas reverberações na contemporaneidade. Abordando também a questão da escrita como ato de protesto e de revolução, além da reivindicação do espaço historicamente ocupado pela hegemonia branca.

O problema a ser discutido nesta monografia girou em torno de três hipóteses: (i) sobre a ocultação dos autores negros da história da literatura brasileira e a importância dos movimentos de resgate dessa identidade; (ii) leva o olhar para a relevância da escrita negra feminina na literatura brasileira como marca da dissipação dos estereótipos sobre a mulher, que caracteriza toda uma geração literária; (iii) focaliza na trajetória de vida e escrita de

Conceição Evaristo, a fim de afirmar a força de sua atuação e existência para um novo olhar e fazer literário.

Objetiva-se problematizar a ideia da representação hegemônica da mulher negra na literatura brasileira, indicando como isso também se mostra na sociedade. Também discutir e refletir a respeito dos conceitos constituintes da literatura afro-brasileira e da literatura afro-feminina. Para isso, o texto busca perceber a postura social frente às demandas do fazer artístico negro, bem como analisar a escrita de Conceição Evaristo visando elencar os aspectos que tornam a escrita dessa autora tão contemporânea. Verificando como se dá a relação entre escrita feminina negra e o romance afro-brasileiro nas obras da escritora e a maneira que ela discorre sobre as questões da representatividade e de identidade racial.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho iniciou com o levantamento dos materiais bibliográficos teóricos, por meio da leitura de textos dos autores: Professor Eduardo de Assis Duarte, a pesquisadora Regina Dalcastagnè, a professora Maria Nazareth Soares Fonseca e do crítico literário Antônio Cândido. Outra fonte de pesquisa se estendeu a obra da escritora Conceição Evaristo, mas especificamente do seu livro de contos **Olhos d'água** e entrevistas concedidas por ela. Essas literaturas permitiram maior clareza e consistência para o trabalho e as hipóteses levantadas. Ainda foi feita uma análise de dois contos da autora: Olhos d'água e Maria.

Essa monografia é organizada da seguinte maneira, antecedida por essa **introdução**: (i) “**A representação do negro/a na literatura**” onde levantaremos a questão da escrita literária e os movimentos de resgate da identidade negra; (ii) “**Escrita negra feminina: definições e literatura contemporânea**”, onde conceituaremos a escrita negra feminina e discutiremos sobre a presença desses textos na literatura contemporânea; (iii), “**Conceição Evaristo: Percurso, obras e depoimentos**”, onde falaremos sobre a vida e obra da escritora Conceição Evaristo e sua relevância para a escrita afro-brasileira; (iiii), “**Do livro Olhos d'água**”, onde faremos a descrição da obra citada e a análise de dois contos: Olhos d'água e Maria; e, por fim, a conclusão.

2 A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO/A NA LITERATURA

2.1 A ESCRITA LITERÁRIA

A escrita literária é uma expressão criativa que passou por diversas modificações no decorrer da história. Essa escrita é contextualizada nos períodos históricos, trabalhando com a fusão entre imaginação e elementos da realidade, é também, segundo o sociólogo e crítico literário Antonio Cândido (1995) algo fundamental na formação do ser humano. Isso se dá, porque, segundo Cândido, a imaginação e a criação são fatores primordiais no desenvolvimento até mesmo do caráter do indivíduo. Ele afirma que a literatura deveria ser um dos direitos básicos do ser humano assim como os outros direitos postos na constituição. Mas nos lembra de também que a literatura:

[...] não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. (Candido 1995)

E justamente, por se tratar da realidade e de uma manifestação humana, a literatura sofre imposições, muitas delas relacionadas a questões excludentes, ideológicas, afetadas diretamente pelos preconceitos sociais, revelando a exaltação de um grupo em detrimento de outro. Apesar de a literatura demonstrar representações da realidade, ainda há a tônica da falta de representatividade. É o que acontece de maneira frequente com a representação da população negra que sofre os efeitos do racismo estrutural que tem operado durante séculos no país. A violência da exclusão social e o preconceito são legitimados na sociedade e por esse motivo garante que o processo de discriminação seja propagado e, conseqüentemente, representado na cultura de modo geral, portanto também na literatura. Nessa perspectiva, muito se tem discutido, recentemente com mais veemência, acerca da representatividade e de como são criados os personagens negros na literatura brasileira. Autores e autoras negras começam a buscar a construção de novos aspectos da imagem desses personagens, lhes dando novas perspectivas e representações. Recusando os estereótipos antes postos.

Se observarmos, especialmente os acontecimentos do passado e o contexto escravocrata, podemos ter uma noção do motivo da dificuldade do registro da expressão negra na escrita. Como poderia, aquele sujeito, inserido naquele contexto, denunciar e perpetuar na escrita as atrocidades que vivia ou até mesmo já no século XX, posta a situação deprimente de trabalho

e a marginalização desse indivíduo atuar como voz que denuncia a realidade, para as atrocidades vividas? No entanto, de acordo com o que nos demonstra o pesquisador Eduardo Assis Duarte (2011), há bastante tempo, desde o período escravocrata, os negros conseguiram publicar, não apenas aqui no Brasil, mas sim em toda diáspora negra. Como cita Duarte (2011), ainda assim há de se perguntar sobre o que sobrou desses escritos em nossa consciência enquanto país? A exemplo disso, podemos citar Maria Firmina dos Reis e Luiz Gama que publicaram nesse período, mas só foram conhecidos a pouco tempo atrás.

Observando os episódios históricos podemos analisar a relação entre o surgimento de alguns movimentos afrodescendentes e a quebra de paradigmas com a expressão da literatura negra - termo esse usado para a literatura que busque representar a real valorização das questões relacionadas à cultura e identidade negra -, ou seja, com o surgimento dos movimentos de reivindicação dos direitos da população negra foi promovido o rompimento com os modelos anteriormente vigentes referentes à literatura e a representatividade negra nos escritos literários, de modo a contar e dar voz a personagens importantes para a formação da nossa história.

2.2 MANIFESTAÇÕES E MOVIMENTOS DE RESGATE DA IDENTIDADE NEGRA

Nos Estados Unidos, logo nas décadas iniciais do século XX – a partir da discussão sobre as questões de cunhos raciais, da defesa da dignidade, recusa das práticas oriundas das leis da segregação racial e da negação ao tratamento indigno que os negros recebiam – alguns intelectuais se reuniram dando origem a manifestações literárias que tiveram várias ramificações, mas que ficaram conhecidas a grosso modo como Renascimento Negro Norte-Americano. Percebemos, da parte dos norte americanos, a preocupação em fazer com que o negro assimilado¹ tomasse consciência de seu real papel e importância social. Buscando inspiração no iluminismo e nas ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, assim como no realismo tratando de temas sociais e da realidade do ser humano. Formando dessa maneira uma nova escrita contestatória e de reflexão.

Os movimentos ramificados nos Estados Unidos produziram algumas tendências que serviram de marcadores primordiais para definição da conceituação da Literatura Negra, assim como determinaram as suas mais importantes características. Segundo Maria Nazareth

¹ Assimilado é um termo construído no período do colonialismo Português, usado para se referir a indivíduos negros que cumprissem algumas exigências estabelecidas pelo estado. Servia também como um status social que levaria a “distinção” daquele indivíduo dos demais. Isso ocorria por meio do apagamento da cultura e dos costumes típicos daquele ambiente e valorização dos costumes e hábitos portugueses do dito “homem civilizado”.

Souza Fonseca (2011), no texto em que ela fala sobre Literatura Negra: os sentidos e as ramificações, os traços mais significativos são:

a celebração de concepções e valores próprios de diferentes culturas africanas; a busca de uma origem africana, que redundará por vezes na representação de uma África mítica, imaginada e, até mesmo, na retomada de alguns clichês sobre o exotismo do continente. A insistência em representar o continente africano à distância, pensando-o como um espaço original definido pela integração perfeita entre o homem e a natureza, se bem que verdadeira em alguns aspectos, foi tomada como um contraponto à situação vivida pelo negro, subjugado pelo trabalho duro, de que os versos de Sterling Brown são símbolo: “They keeps the books/ We gotta be grateful/ For being cheated”. Em muitas obras, as referências ao som dos tambores, ao batuque (“All the tomtoms of the jungle beat in my blood”), ao sol intenso, aos símbolos de diferentes religiões africanas, expressarão tendências nas quais a conscientização do homem negro coincide com a busca dos elos perdidos com o espaço original. (FONSECA, 2011, p.247)

Ainda nesse mesmo texto de Fonseca (2011), podemos perceber que na década de 1920 houve muitas publicações dessas vertentes do movimento, publicações essas que voltavam o olhar para as questões representativas, relato e denúncia da maneira segregada que vivia o povo negro no país. Desse modo, contribuindo para o enriquecimento dessa literatura como ato de protesto e libertação. Algumas publicações, porém, destacam-se: a **Coletânea New negro** (1925), que foi elaborada por Alain Locke, esse um grande filósofo estadunidense e considerado o principal representante do renascimento do Harlem; **Color** do poeta Countee Cullen, que também teve sua publicação no ano de 1925; **Weary Blues** publicado no ano seguinte (1926) do escritor inovador e ativista social Langston Hughes e lançado em 1928 o romance **Black princess** do historiador e sociólogo Du Bois.

Uma das vertentes do Renascimento Negro Norte-Americano é chamado Harlem Renaissance - movimento nascido no Harlem na cidade de Nova York na década de 1918, mas tendo sua ascensão no ano de 1920 - e teve a interação de vários artistas, não só escritores, mas artistas de teatro, músicos, todos reverenciando a expressão negra, o jazz, o blues o soul. Para realmente tentar viver e propagar a cultura negra. O resgate da consciência do ser negro e o rechaçamento da cultura imposta.

Ainda nos Estados Unidos as produções literárias realizadas por escritores negros nos anos 1920 e 1930 “é responsável pela afirmação de [...] uma consciência de ser negro e [...] contaminou outros movimentos que surgiram mais tarde, na Europa, nas Antilhas, no Caribe e em diferentes regiões da África colonizada” (Fonseca, 2011). Sendo assim responsáveis por conservar e transmitir as histórias de seu povo.

Na França, em 1930 os poetas Aimé Césaire, Léon Dantas e Léopold, vozes dessa diáspora tiveram um encontro em Paris e deram início ao movimento Negritude, que surge

como um reforço às iniciativas dos escritores estadunidenses, sendo voz não só de uma escrita representativa, mas grito de libertação também dos moldes impostos pela norma literária vigente. Fazendo do texto um ato de protesto, denunciando também como vivia o afrodescendente no País.

Em virtude dessa quebra com os moldes literários, capitalistas e de classes se faz necessário a reinvenção de novos caminhos, agora fincados na história, nas vivências e na consciência crítica do afrodescendente. E o termo Negritude em seu cunho político, no que diz respeito a organização do negro como um grupo de ação e reivindicação cultural, na valorização e reafirmação das culturas, cultos, cantos e suas manifestações, na formação de uma compreensão e consciência racial tenta inventar uma nova maneira de produzir e viver.

O movimento da Negritude é inspirado no surrealismo e nas vanguardas, relatando o cotidiano dos grupos negros nos espaços, mas sem desprezar a preocupação com a estética e a poesia. Buscando ritmos e sons resgatados dos ritos, da oralidade africana, de modo a extinguir a estigmatização das marcas de elementos africano, muitas vezes tratadas como folclóricas e primitivas.

Em Paris, do mesmo modo, houve publicações que marcaram o auge desse renascimento negro no país nos anos 1930 e 1940 como referência Fonseca (2011): uma única edição da revista *Légitime Defense* (1932); foi criado também o jornal que representava a revolução do pensamento, muito importante para a luta em questão; o *L'Étudiant Noir* (1934), onde foi também usado a primeira vez a palavra negritude como um termo de repulsa ao que havia sido dito até então sobre o negro, sobre sua cultura, seu intelecto, fisionomia e função social. Além desses também se destacam *La Revue du monde noir*, elaborada por Aimé Césaire, um dos mais importantes poetas da história; Léo Gotran Damas, escritor e poeta; o também escritor Léopold Senghor e obras literárias que fortaleceram o movimento da Negritude francesa, a “poesia negra”, fazendo com que todos pudessem ter acesso aos escritores que antes não eram ouvidos.

Nessa nova ideologia da formação de um Novo Mundo - um movimento que começa a se espalhar por vários lugares do mundo a partir das diásporas africanas - os negros poderiam ter a possibilidade de se resgatar culturalmente e de se reconhecer como identidade negra, se esperava que o mesmo tomasse posse de sua herança ancestral, assim como se pusesse de maneira consciente na sociedade, se tornando voz diaspórica, não apenas para mudar a realidade do país, mas como forma de fortalecimento do movimento e da luta contra o sistema de colonização também exercida no continente africano. E assim se dá a referência e relação direta com a África e os movimentos de revolução que estavam acontecendo em vários países

do continente, a exemplo de Angola com o MNIA (Movimento dos Novos Intelectuais de Angola 1948- 1952); o movimento Claridade (1936) em Cabo verde; Em Moçambique o MSAHO (1952) e o Massacre Pindjinguiti (1959) em Guiné-Bissau. Fazendo reverberar as vozes da diáspora negra.

As propostas geradas por essa reunião de poetas, músicos e escritores giraram em torno da produção de uma literatura que possuísse em sua escrita características específicas da cultura africana, a oralidade, para assim além do auto reconhecimento, promover valorização dessa cultura, fortalecendo e preservando as origens étnicas do povo negro, criando uma simbologia do novo negro, esse já munido da consciência de sua importância e valor na formação dessa sociedade que o marginaliza. Além disso, desfazer a ideia eurocentrista advinda de um falso sistema de cultura mundial produzido a partir da criação de categorias próprias e o reducionismo que por muito tempo serviu de desculpa para diminuir e inferiorizar o negro e suas questões.

No Brasil, antes dos **Cadernos Negros** (1978), não se consegue afirmar a existência de movimentos literários tão representativos na luta e contestação da causa negra como aconteceu nos Estados Unidos e na França, mas já no século XIX se tem registro de escritores intelectuais negros que escreveram com a temática negra aqui no país, a exemplo de Maria Firmina dos Reis que escreveu a partir da primeira metade do século XIX. A escritora negra é considerada a primeira romancista brasileira, primeira escritora faz um romance abolicionista. Nessa mesma época temos o escritor Luís Gonzaga Pinto da Gama (Luís Gama), escritor, poeta e jornalista brasileiro, que tem seu nome atrelado a uma das conquistas mais significativas do Brasil que é a abolição da escravidão, escreveu e lutou muito a favor do movimento negro e é aí então que começamos a perceber a mudança radical na representação dos personagens negros na literatura brasileira e a presença da história do negro enquanto ser de importância, ser carregado de história e de cultura.

A partir de 1970, a literatura brasileira se vê em uma perspectiva de enfraquecimento da iniciativa modernista, se desfazendo principalmente das ideias relacionadas a igualdade e do mito da democracia racial vinculadas ao movimento modernista, oriundas da ideologia do país mestiço e também a negação do passado. O mito da democracia racial gira em torno da afirmativa ilusória de que o Brasil escapou do racismo e da discriminação racial, se tornando um país em que todos supostamente são iguais, o que ocasiona a omissão da realidade e a subjugação velada do povo negro.

Com a questão do racismo sendo taxado como algo inexistente no Brasil, aqui se tornou escassa a discussão sobre as relações raciais. Em consequência disso, contemporaneamente,

precisamos dessa discussão para o fim da marginalização sofrida pelos negros no Brasil. Duarte (2011), no texto “Entre Orfeu e Exu, a afro descendência toma a palavra” cita a publicação feita por Paulo Duarte - jornalista, poeta, editor, professor e escritor brasileiro, - em 1945, na qual o mesmo discorre sobre “O negro no Brasil” e podemos observar então a ideia de branqueamento da população. No texto, ele traz a máxima tida como ideal do intelectual da elite brasileira, de que o país projetado seria aquele onde futuramente não existissem mais negros e isso poderia ser conseguido através da miscigenação. A elite brasileira já nesse período não se importava com nenhum fator de importância do negro, se o mesmo contribuía ou não com a cultura brasileira. A ideia era que “o consenso unânime dos brasileiros lúcidos” almejava um país branco.

Ainda nesse artigo de Duarte (2011), observamos as duas alternativas apontadas como solução: uma voltando o olhar para o ato segregacionista do povo negro adotado pelos Estados Unidos e a outra alternativa elencada foi a considerada como mais “inteligente” apesar de considerarem “moralmente perigosa” a já citada da miscigenação. Com isso se pretendia a “eliminação do negro”. Com um quadro que oculta a discriminação sofrida pelo negro no Brasil desde a abolição com o termo de “democracia racial” vemos se moldar uma ilusão de que no Brasil não há racismo e que todos somos iguais, “mito do paraíso mestiço”. A noção de pátria unificadora e de igualdade racial fazendo com que os acontecimentos do passado fossem apagados, “superados” para na verdade no presente não serem encontradas as marcas, os sinais de tudo que aconteceu no período escravagista e assim não fazer a relação com o que ainda acontecia nesse novo período de manutenção de instituições e comportamentos ainda muito semelhante ao do período escravagista.

Ainda nessa mesma discussão é colocada a posição de Gilberto Freyre, sociólogo, historiador e ensaísta brasileiro, que, diante desse quadro de falsa democracia racial coloca a ideia da nação tolerante, na qual os indivíduos todos são pacíficos perante as diferenças do outro, seja ele negro ou “mestiço”. Com isso Freyre alavanca o imaginário da existência de uma raça brasileira, onde todos os indivíduos pertencentes se sentissem integrados ao país em que todos são iguais, ninguém seria discriminado pela cor e sim todos seriam pertencentes desse espírito brasileiro mestiço. Nessas colocações de Freyre podemos perceber a tentativa de fixar no imaginário brasileiro o conceito de nação como algo que fosse unificador e apagasse as diferenças.

Na história da literatura brasileira, ensinadas nas escolas, podemos observar a omissão de nomes importantes escritores como a do já citado Luís Gama e o Solano Trindade. Deixando a entender que suas produções literárias não fizeram parte da história do Brasil.

Outra coisa que costuma acontecer é o embranquecimento dos escritores, como é o caso de Machado de Assis, que tem vários textos onde se posiciona com relação às questões raciais e tem esses mesmos pouco tratados, passando a ideia de que ele não se identificava com a questão negra. No entanto, a pesquisa do prof. Eduardo Assis Duarte revela, na obra **Machado de Assis Afrodescendente** (2007), que ele tratou desse conteúdo em muitos textos.

Outro caso desse embranquecimento é o da escritora negra Maria Firmina dos Reis - considerada a primeira romancista que traz uma obra abolicionista no Brasil - que ao fazer uma pesquisa com o nome dela no Google, podemos observar a foto de outra escritora, a gaúcha Maria Benedita Borman, uma mulher branca.

Nos romances, da literatura canônica tradicional brasileira é comum encontrarmos personagens negros representados como submissos, escravos ou ex-escravos, sem nome, sem voz. O romance que aborda os conflitos escravocratas como é o caso do romance “A escrava Isaura” de Bernardo de Guimarães, tem a branquitude da escrava exaltada em vários momentos, além da subserviência da personagem. A literatura canônica brasileira foi produzida por uma elite que promoveu sempre o embranquecimento, a hegemonia dos valores cristãos e a negação da figura e da produção negra, com isso os personagens negros eram representados de maneiras coadjuvante e ou representados de forma animalizada, nunca como sujeito de sua própria história.

Na literatura infantil, ainda atualmente, essa situação perdura. Podemos citar “O menino marrom” de Ziraldo. Nesse livro podemos perceber uma construção racista na formulação de um estereótipo do negro que tira o valor do mesmo. O conto narra a amizade entre o menino marrom e o menino cor de rosa. E em determinada ocasião o autor descreve a seguinte cena: [...] o menino cor-de-rosa resolveu perguntar: por que você vem todo o dia ver a velhinha atravessar a rua? E o menino marrom respondeu: Eu quero ver ela ser atropelada. Nesse trecho já podemos notar o racismo e a maneira como a representação reforça os estereótipos de “negro ruim”, do “negro selvagem” e que age apenas por instinto. Ziraldo é também seguidor – compartilha dos mesmos pensamentos racistas, seguindo os mesmos passos – do escritor Monteiro Lobato, considerado o maior literário infantil do Brasil, mas que tem também várias polêmicas de racismo em alguns dos seus escritos, a exemplo de “Caçadas de Pedrinho” e “negrinha”.

Há também na literatura aquela representação do negro de bom coração, assimilado, que não questiona, só obedece, que se curva a religião e ritos cristãos, se batizando, sem sofrer por negar sua cultura, o negro “feliz” por “evoluir”. Fez-se então necessária a criação de uma literatura que fizesse a união dos variados autores, artistas e formas de expressão na

representação de um novo ser negro brasileiro. Ganhando espaço na produção literária as vozes dos afrodescendentes e tendo como ato de maior relevância nesse contexto a noção de comunidade ao invés da de nação.

A partir da segunda metade do século XX, na década de 1970, vários artistas, escritores e intelectuais negros se reuniram em alguns grupos em busca de um novo fazer literário. A nova proposta literária assumiria um papel de combate ao racismo e de luta em defesa da causa negra. Seria como *griots*², preservando nos textos e transmitindo as histórias e vivências do povo negro no país, assim como resgatando as tradições da cultura africana. Esses coletivos de escritores, segundo Duarte (2011), se organizaram na Bahia, com o “GENS”; o “Palmares”, de Porto Alegre; O “Negricia”, do Rio de Janeiro e em São Paulo o “Quilombhoje”, o “Quilombhoje” que tem movimentação até os dias atuais. Para ultrapassar todas as dificuldades que tentavam impedir essa literatura de ser propagada, os poetas paulistas inauguraram os **Cadernos Negros**, que teve sua edição realizada pelo coletivo “Quilombhoje” em 1978. Teve como proposta, segundo Fonseca (2011) “a produção de uma literatura que, segundo o caminho trilhado por Solano Trindade e outros escritores, seja percebida como um dos instrumentos necessários ao fortalecimento da consciência de ser negro” e desde então vem publicando poemas e contos desses escritores em defesa do negro e de seus valores. Sendo voz de África no Brasil e apesar da paulatina renovação da literatura, as diásporas estavam ali, mais fortes do que nunca para refletir na literatura contemporânea, depois de muitos anos todos os aspectos anteriormente excluídos da influência do negro na construção da sociedade brasileira e a importância do mesmo na construção da cultura na literatura brasileira.

Como resultado da invisibilização da produção intelectual dos negros brasileiros vemos reverberar na literatura a ausência, por exemplo, de uma escrita negra reconhecida pelo cânone. Regina Dalcastagnè (2005) realizou uma pesquisa com a contribuição de pesquisadores da UNB que fez o levantamento de dados que mostrou como acontece a representação ou não dos negros na literatura brasileira. A pesquisa foi realizada com romances publicados no Brasil pelas três principais editoras (Record, Companhia das Letras e Rocco) e analisou a primeira edição de todos os romances publicados no período de 1990 e 2004. Ela cita no texto “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea” que observou nessas publicações 80% dos personagens brancos e ainda relata

² Os griots, considerados por diversos autores como os guardiões da história e da memória, utilizavam a oralidade para transmitir seus conhecimentos, uma vez que não sabiam ler e nem escrever. Disponível em < <https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/ciclo/article/viewFile/838/668>>. Acessado em: 07 mar. 2019.

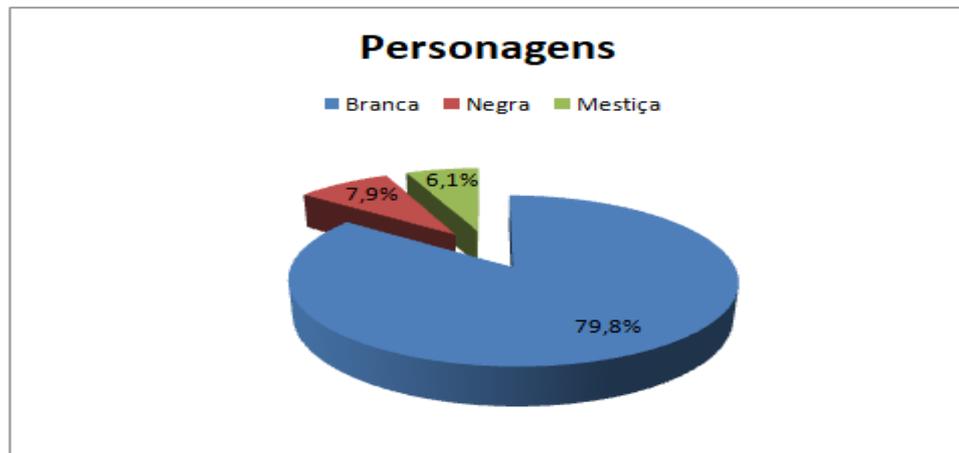
que esse número aumenta ainda mais quando se trata dos protagonistas ou narradores. Ainda nessa pesquisa onde são observados 258 romances, o número de escritores brancos é ainda mais gritante de 93,9% e a categoria relatada pela escritora como identificada pelo termo “não-brancos” tiveram 2,4%. Em um país onde a maior parte da população descende de africanos, é de se questionar essa ausência na escrita e como personagem ativo. Quanto a questão da autoria negra, Dalcastagnè ainda fala sobre a importância da diversidade de vozes, ressaltando que:

Se [...] negros aparecem pouco como personagens em romances, eles são quase inexistentes na condição de produtores literários. A chance de ambos terem voz dentro de uma narrativa é ainda mais reduzida. Isso porque os lugares de fala [...] são monopolizados pelos homens brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos e de classe média (Regina Dalcastagnè, 2005 p. 15)

2.3 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UM NOVO OLHAR

Um dos objetivos desse novo olhar para a literatura afro-brasileira é o de estimular uma leitura consciente e comprometida da mesma. Não só a se questionar enquanto cidadão e ao autoconhecimento, mas também com o intuito de tomar uma posição política. Desse modo, se volta o olhar para as ideologias do movimento Negritude, valorizando a estética negra. E, assim, como nos Estados Unidos com o *black is beautiful*, no Brasil pretendeu-se extinguir a ideia de que as características pertencentes a estética negra são feias.

Reconhecendo a força da palavra escrita, muitos desses escritores e escritoras negros se debruçaram a fazer dessa literatura um ato de protesto, mas também de esvaziamento dos termos pejorativos empregados, em especial, às mulheres. Sempre relacionadas à figura sexual ou inexistentes. Na pesquisa realizada pela crítica literária Regina Dalcastagnè são observadas as questões de autoria de personagens da literatura brasileira, a partir da perspectiva da raça e do gênero. Fizemos um apanhado dos dados coletados pela pesquisadora e criamos alguns gráficos com o intuito de observar de maneira mais eficaz os distanciamentos entre as representações. Com relação aos personagens, dos 258 romances analisados, podemos perceber no gráfico abaixo:

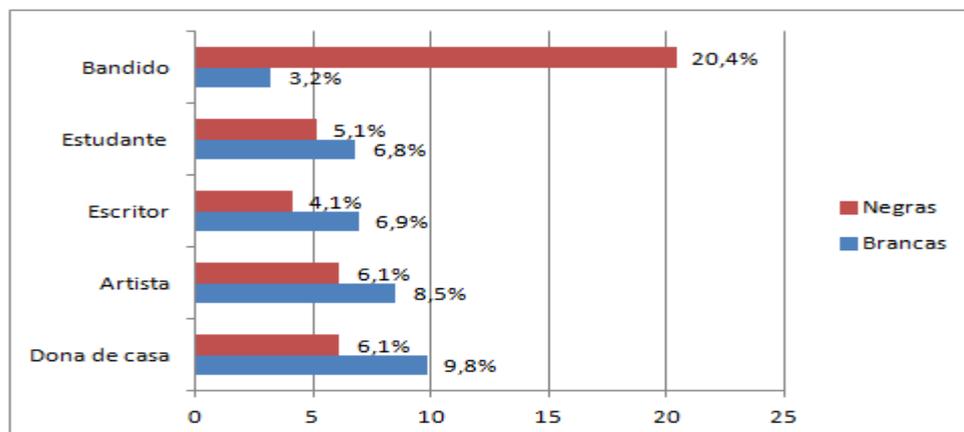
Figura 1 - Gráfico da porcentagem de personagens

Fonte: Pesquisa Personagens do romance brasileiro contemporâneo (Gráfico próprio, gerado a partir dos resultados da pesquisa de Dalcastagnè, 2005).

Como podemos observar o maior número de personagens representados nas literaturas analisadas pela pesquisadora, é de cor branca (79,8%). Sendo ela também, de acordo a pesquisa, majoritariamente masculinas.

Com base ainda na pesquisa da autora podemos observar que quando há quando há a presença feminina no texto literário, na maior parte das vezes são mulheres brancas as protagonistas. (Porque a mulher negra quando comparada a...)

No que diz respeito à ocupação dessas personagens femininas, selecionei as principais ocupações dispostas na pesquisa dedicada às mulheres brancas em comparação as negras e coloquei também a principal representação das personagens negras para posterior confronto. Segue gráfico:

Figura 2 - Gráfico da porcentagem da ocupação de personagens femininas

Fonte: Pesquisa Personagens do romance brasileiro contemporâneo (Gráfico próprio, gerado a partir dos resultados da pesquisa de Dalcastagnè, 2005).

Aqui verificamos que a principal ocupação das personagens brancas nesses romances é de dona de casa com 9,8% e negras 6,1%. Em contrapartida a principal ocupação das personagens negras é de bandido/contraventor com 20,4%, nessa ocupação, os elementos femininos brancos tem apenas 3,2% das representações. Podemos levar ainda em consideração a delegação de personagens intelectuais, como os escritores que são: negras 4,1% < 6,9% brancas.

Por ocasião do distanciamento da representação de mulheres negras das demais obras publicadas, escritoras surgiram na contemporaneidade produzindo a literatura afro-brasileira e continuando a quebra de paradigmas, contrapondo os textos anteriormente publicados, marcando o momento histórico dessa literatura e sendo também precursoras da mesma. Com textos de caráter não hegemônicos, de muita militância e empoderamento, adquirindo o devido reconhecimento ao protagonismo, também como escritoras negras.

Descrevendo e exaltando esse lugar de fala, como afirma Alves:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira (ALVES, 2010, p. 185).

A nova construção da tradição da narrativa urbana contemporânea periférica iniciou-se com Maria Carolina de Jesus - escritora brasileira, que escreveu na favela e sobre a favela, que apesar de ser uma das primeiras e mais importantes escritoras negras no Brasil não tem seu devido reconhecimento - em **Quarto de despejo** (1960) oficializando a busca pela originalidade da representação, esse texto relata em forma de diário o cotidiano de pobreza e fome passado pela autora, fazendo com que a mesma se sinta sujeita de si mesma e é essa uma das importâncias dessa escrita de Carolina, pois ela escreve de um lugar marginalizado e com isso dá voz a essa minoria. A obra é de grande importância também como forma de denúncia a essa realidade de opressão e apagamento.

Posteriormente a ela, Fonseca (2011) cita algumas escritoras negras vinculadas aos Cadernos, que tem um papel primordial na reconfiguração desses estigmas, entre elas estão: Miriam Alves, escritora, ativista e poeta negra brasileira; Esmeralda Ribeiro, jornalista e escritora negra, membro do Quilombhoje; Lia Vieira, Doutora em educação, escritora, pesquisadora e militante negra brasileira; Cristiane Sobral, atriz, escritora e dramaturga brasileira e Conceição Evaristo, Mestra em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro,

Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense e escritora negra brasileira (Essa última que servirá de principal suporte e temática deste trabalho). Essas escritoras fazem reverberar em seus textos a voz do “eu mulher” enquanto ser de autonomia. Nos textos dessas escritoras, as mulheres ganham escopo de (re)significação, apontando para as características coletivas e individuais das mesmas. Resgatando da mesma forma, principalmente, as histórias vividas por mulheres, as histórias de vida de seu povo; participando ativamente da luta negra e principalmente da luta feminina. Focalizando seus textos justamente nisso, na mulher negra, redirecionando seu novo e verdadeiro papel na sociedade. Retratando a violência e as alegrias de maneira poética, dando voz a personagens que antes ficariam à margem e reivindicando uma nova análise dos conceitos antes empregados as mulheres negras no Brasil.

Ultrapassando as camadas profundas que tentam limitar - de sexo, cor e classe social - se buscou produzir uma literatura com características particulares, uma literatura própria, que descreve suas especificidades, particularidades e ao mesmo tempo denuncia, critica. Revelando quão profundo, significativo e representativo é esse movimento de escrita feminina.

Atualmente, no século XXI, a literatura afro-brasileira se mostra abundante em publicações e descoberta de novas autoras. Apesar de ainda percebemos a manutenção de alguns estereótipos no imaginário de uma parte da população, percebemos a ampliação do conteúdo literário afro-brasileiro e, dessa maneira, a continuação da propagação da informação do ser mulher negra no Brasil.

Dentro ainda dessas manutenções de estereótipos e, conseqüentemente, do racismo estrutural e institucional existente no Brasil, ainda se observa a exclusão dos escritores negros, principalmente da mulher negra do cânone. E um dos casos a que vivemos ressaltar é a questão candidatura da escritora Conceição Evaristo para a cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras. Embora tenha havido um grande apoio popular nas universidades e sendo internacionalmente reconhecida pela qualidade de seus escritos, aquele colegiado da Academia Brasileira de Letras não reconheceu a importância de seus escritos. Então, para prosseguimento desse trabalho e posterior análise de contos da escritora Conceição Evaristo, buscamos compreender: como julgar, analisar as obras literárias afro-brasileiras com os moldes formulados pelos que excluem essa literatura?

3 ESCRITA NEGRA FEMININA: DEFINIÇÃO E LITERATURA CONTEMPORÂNEA

3.1 A MULHER NEGRA E A LITERATURA BRASILEIRA

A literatura brasileira tem em sua história marcas de uma representação estereotipada da mulher negra. Personagens construídas a partir de um ideal masculino onde a mulher negra é retratada de maneira caricata, objetificada, sensualizada, submissa. Sempre como algo relacionado ao prazer ou ao seu passado de escravidão, nunca enfatizando o que ela deseja ou pensa. Podemos com isso também refletir sobre o lugar de atuação da mulher negra na sociedade, marcar como está configurada a representação de uma dependência do homem que não corresponde ao que as escritoras negras pensam e escrevem.

Também com relação à autoria da escrita, percebemos que ainda é majoritariamente masculina e branca o que “retrata” as características mencionadas anteriormente.

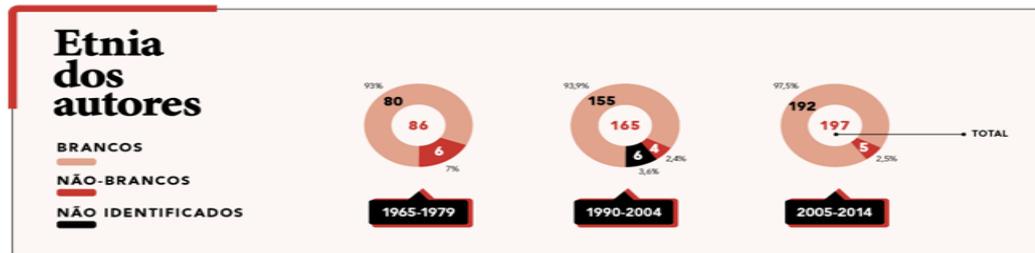
DALCASTAGNÈ em entrevista à revista CULT publicada em 05 de fevereiro de 2018, a pesquisadora diz que:

[...] há uma barreira para a questão da autoria negra. E não é que não haja produção – embora autores negros produzam mais contos, crônicas e poesia do que romance –, mas ainda assim há uma ausência muito gritante, tanto em relação à autoria como em relação às personagens. E não tem como escapar: não é possível tirar a literatura do contexto nacional do racismo e de exploração do trabalho. Não é um problema exclusivamente literário, embora eu ache que seja uma obrigação da literatura colocar o problema em discussão. (DALCASTAGNÈ, 2018)

No levantamento de dados correspondentes a autoria na pesquisa, coordenada também pela pesquisadora, observamos a autoidentificação étnica dos autores dos romances analisados entre 1995 a 2014. Segue gráfico³:

³ Gráfico disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>>. Acessado em: 07 mar. 2019.

Figura 3 - Gráfico da porcentagem da étnica dos autores



Fonte: Pesquisa Personagens do romance brasileiro contemporâneo (Gráfico Revista CULT).

O número de autores brancos é incontavelmente maior que o de escritores negros, entre 1965-1979 brancos ocupam 93,7% > 7% negros. E entre 2005-2014 os números são 97,5% brancos e apenas 2,5 negros, o que nos dá uma média de 197 escritores apenas 5 negros.

Na questão da autoria feminina também são encontradas extremidades díspares. Dos autores analisados entre 1965-1979, 82,6% dos autores são homens e apenas 17,4% são mulheres. Já entre 2005-2014, 70,6% são homens e com um número um pouco mais expressivo 29,4% são mulheres.

Esses dados nos mostram também que, além de espaço de reafirmação da exclusão das minorias e do racismo, a literatura também é dentro do desenvolvimento histórico um instrumento de reivindicação e tenta de rasurar o cânone. Nesse sentido é que surge o movimento de mulheres negras escrevendo de maneira a resgatar a identidade feminina.

A escrita negra feminina se dá então da necessidade da presença de personagens femininas negras nas literaturas, personagens agora detentoras de voz e de consciência do seu papel emancipatório. Para que as mulheres negras consigam um papel de resistência, libertação e reconhecimento frente às imposições postas pelo ambiente social. A Doutora em Letras Ana Rita Santiago da Silva (2010) fala de uma escrita afro-feminina “diferenciadora” e “emancipatória”. Ressaltando também que a questão da desigualdade vai além do âmbito do gênero, incluindo a visão etnoracial. As mulheres negras sofrem de ambas as maneiras, por fazerem partes das duas minorias.

A literatura afro-feminina então é a apropriação da mulher negra da autoria literária e essas de posse dos artifícios de reivindicação do lugar de fala começam a publicar.

Visto isso, ainda podemos ressaltar que:

A “Literatura afro-feminina”, nessa perspectiva, é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui de temas femininos/feministas negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feministas por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do

passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Por esse projeto literário, figuram discursos estéticos inovadores e diferenciadores em que vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, assenhoram-se da escrita para forjar uma estética textual em que se (re)inventam a si e a outros e se cantam repertórios e eventos histórico-culturais negros. (SILVA, 2010, p. 24)

A escrita negra feminina se situa na literatura contemporânea de maneira a acrescentar luz às causas inerentes ao ser mulher negra no Brasil. Para isso, utiliza elementos distintivos da literatura afro-brasileira, elementos destacados por Duarte (2011) como identificadores dessa literatura. Que são eles:

[...] uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. Alertando para o fato de que se trata de um conceito em construção, passamos a examinar mais detidamente cada um desses elementos. (DUARTE, 2011, p. 385)

De acordo a Duarte (2011), há cinco elementos que podemos analisar para distinguir a literatura afro-brasileira das demais obras e produções. A temática seria um dos elementos que ajudaria na identificação do pertencimento do texto à Literatura afro-brasileira. Desse modo, as escritas produzidas por mulheres negras no contexto brasileiro, traz, além da afirmativa da identidade afro-brasileira, um recorte do pertencimento feminino negro na mesma. Mulheres negras escrevendo personagens femininas e, além disso, sobre todo seu contexto social contemporâneo. Bem como elencando os aspectos culturais/religiosos, resgatando sua ancestralidade e sua arte - não necessariamente as mulheres escritoras negras tem a obrigatoriedade de escrever apenas conteúdos com a temática da mulher negra. Porém, quando a fazem se enquadrar nos conceitos estabelecidos anteriormente de pertencimento e representação - promovendo a posterior leitura de mundo e sociedade na qual as demandas e silêncios dessas mulheres sejam conhecidos, reconhecidos, reivindicados e denunciados;

A autoria é também, segundo o pesquisador uma instância de grande relevância para a identidade literária afro-brasileira. Mas ressalta que apesar disso, esse é um dos temas de bastante controvérsia pelo fato das atenuantes referentes à: “condição de fatores biográficos ou fenótipos”, e ainda a reivindicação “feita por estudiosos de uma literatura afro-brasileira de autoria branca” (Duarte, 2011, p. 388). A discussão ao redor da autoria branca é relevante e deve continuar sendo por levantar vários questionamentos sobre a utilização de temas negros por pessoas que não passaram e nem conhecem de maneira prática esses temas. Além disso,

corre-se o risco da utilização indevida desses temas os reduzindo a meras figurações que nada têm a ver com a real intenção da literatura afro-brasileira; outro ponto elencado é o do ponto de vista, que diz respeito à “visão de mundo” do escritor e o padrão dominante em seu texto, os vocábulos usados e como ocorre a representação dos personagens;

A linguagem, que aqui toma um tom bastante diferenciador, buscando voltar a escrita para uma linguagem não tão fincada no formalismo da estética kantiana e sim com um conteúdo linguístico inseridos “a partir de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil” (Duarte, 2011, p. 394);

O público seria então a construção feita por meio dos elementos elencados anteriormente de um universo acolhedor e que atendessem as demandas do afrodescendente. Dessa maneira vemos marcada e legitimada pela literatura afro-brasileira a vertente literária da escrita negra feminina. Que vai falar com a apropriação desses elementos sobre um lugar ainda mais subjugado.

Essa literatura segue buscando uma representação e um lugar de alteridade. Com textos de muita militância e empoderamento, adquirindo o devido reconhecimento ao protagonismo de escritoras.

3.2 (RE)SIGNIFICAÇÃO DOS MEIOS DE PUBLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA LITERATURA AFRO-FEMININA

O espaço sempre delimitado do fazer artístico negro fez com que houvesse um (re)significação desses meios de publicação e divulgação literária.

A falta de espaço para a literatura negra nas grandes editoras brasileiras se dá pela desvalorização e subjugação de sua produção intelectual e criativa. O racismo institucionalizado, que é um dos fatores principais dessas exclusões, ignora também a demanda cada vez maior de escritores negros e de leitores a procura tanto do espaço de publicação, quanto do conteúdo produzido por esses escritores. Toda essa exclusão traz à tona o quanto no Brasil o racismo ainda impera, sendo assim, “a literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira” (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 309).

A resistência do movimento e dos escritores negros, à exclusão e ao racismo, trouxe para o cenário brasileiro uma nova maneira de publicar. Primeiro, através dos já mencionados coletivos: GENS, Palmares, Quilombhoje e **Cadernos Negros**, de maneira a enfrentar o

sistema e o cânone. E atualmente vemos as mídias sociais como grande fonte de publicação, divulgação e manutenção dos escritos e do movimento negro. A literatura produzida por mulheres negras no Brasil tem seu espaço ainda mais reduzido no decorrer da história e esses novos recursos é que estão sendo usados para promover essas literaturas e até forçar o mercado a abrir espaço para as mesmas.

Atualmente, um movimento que tem proporcionado a fala das vozes não autorizadas é o SLAMS, que tem em seu significado a resistência. Esse movimento, segundo o jornal NEXO acontece nas periferias e subúrbios em vários lugares do país onde artistas recitam e exibem a sua arte em uma competição. Os vencedores de cada região/local se unem em um só manifesto para a batalha final onde sai um vencedor. A presença feminina no movimento é intitulada de SLAM das minas. Mulheres historicamente marginalizadas contestando seu espaço de fala e então começam a dizer sobre si com propriedade.

4 CONCEIÇÃO EVARISTO: PERCURSO, OBRAS E DEPOIMENTOS

Maria da Conceição Evaristo de Brito escritora contemporânea pós-colonial, nasceu em uma favela da cidade de Belo Horizonte - Minas Gerais, no dia 29 de novembro de 1946. É a segunda filha de nove irmãos numa família bem humilde. Apesar de toda dificuldade, Conceição Evaristo foi a primeira a conseguir diploma superior. A escritora, filha de Joana Josefina Evaristo Vitorino e de Aníbal Vitorino, em sua juventude trabalhou como empregada doméstica conciliando os estudos em uma escola pública em Minas Gerais (Instituto de Educação), onde obteve a formação no curso nomeado no período de Curso Normal. Migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970, mas precisamente no ano de 1973, para conseguir melhores condições de vida e trabalho através do estudo. Fez graduação em letras pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), mestrado em Literatura Brasileira pela PUC (Pontifícia Universidade Católica do Rio e Janeiro), defendendo a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, onde apresentou a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011). Os dois trabalhos citados sempre voltados para as questões da literatura afro-brasileira e produções da lusofonia africana, se mostrando integrante conectada aos movimentos que promovem a valorização da cultura negra no Brasil.

Conceição Evaristo exerceu a profissão de professora, foi Funcionária da Secretaria Municipal de Cultura, na instância da Divisão de Cultura Afro-Brasileira e pesquisadora do Centro José Bonifácio de Documentação e Memória da Cultura Afro-Brasileira. Nesses espaços e a partir das discussões sobre as relações de classes na sociedade é que a escritora começou a promoção dos temas étnicos e de gênero voltados para a contestação do espaço dessas minorias. Participa entre os anos 1987 e 1988 de coletivos e do movimento negro como o Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo, na década de 1980, o Coletivo de Escritores Negros do Rio de Janeiro e do movimento de Mulheres.

Em 1990, a escritora inicia na criação literária, sempre privilegiando temas voltados para a sua condição de mulher negra, afro-brasileira e periférica. Lançou o seus primeiros poemas no volume 13 dos **Cadernos Negros**, onde continuou publicando e participando de “14 edições da publicação do Quilombhoje”, segundo (Campos e Duarte 2011). Por produzir ensaios, ficções, poemas e por sua versatilidade a escritora consegue publicar contos, poesias e romances. Entre eles estão:

Nas décadas de 1990 e 2000, integra diversas antologias nacionais - *Quilombo de palavras, Vozes mulheres, O negro em versos* - e estrangeiras - *como Callaloo, Schwarze prose, Moving beyond boundaries, Women righting, Fourteen female voices from Brasil e Finally us: contemporary black Brazilian women writers*, entre outras. (Campos e Duarte 2011)

Além de coletâneas, de textos literários como as obras: **Ponciá Vicêncio** (2003), **Becos da memória** (2006) **Poemas de recordação e outros movimentos** (2008), Conceição Evaristo vem produzindo textos acadêmicos levantando a observação sobre a literatura negra e as diásporas, bem como as literaturas lusófonas. O que a leva a ter maior amplitude de divulgação tanto no Brasil quanto em outros países.

Desde o início de suas publicações se percebe a valorização da temática negra e toda a exclusão e a desumanidade sofrida pelas minorias. Conceição Evaristo conta todas essas mazelas em textos extremamente poéticos, e narrativas nada linear. O que chama a atenção para seus escritos cheios de realidade, mas com a sutileza e sentimentalismo do contar, um realismo poético marcado pelo seu comprometimento com a afrodescendência e as minorias. As personagens e histórias retratadas são em sua maioria feminina e negra, as mesmas muitas vezes exercem papel de protagonista como símbolo de luta e resistência, o que como vimos antes não era o habitual nas literaturas e romances produzidos. A exemplo disso, podemos observar o romance **Ponciá Vicêncio** (2003), o qual, em linhas, gerais conta a história de uma moça descendente de escravos e que viveu a sua infância nas terras dos antigos senhores em situação de muita pobreza e mais tarde muda-se para uma favela da cidade, onde observa e sente na pele o sistema de exclusão e marginalização dos descendentes de escravos. Mexendo com temas da memória individual e coletiva, o conto traz a tona questões pertinentes ao contemporâneo no que diz respeito ao racismo e preconceito que a população negra sobre até os dias atuais.

Denunciando as condições sociais vividas pelo afrodescendente, a intelectual ainda encena o mundo segundo a sua condição feminina e negra. Atualmente, vem crescendo aqui no Brasil um grande interesse e conscientização com relação à escrita e obras de autores afrodescendentes e Conceição Evaristo é uma das referências nacional e internacional. Detentora de grande credibilidade, tendo seu nome vinculado a projetos de pesquisas, seminários e monografias.

O trabalho com a recordação, a memória e a invenção faz da escritora porta voz dos silenciados, sobretudo das mulheres e está inserida no contexto de escrita no feminino e de certa maneira representa uma escrita feminista: “quando falo da escrita no feminino, essa escrita não é necessariamente feminista. Entendo feminismo no sentido de que existe um

programa de ação que vive a transformação do estado da condição feminina”. (Mata, 2009, p.16)

Essa escrita que por meio da caracterização de suas personagens (re)significa o lugar da mulher, bem como denuncia a marginalização sofrida pela mesma, Evaristo promove esse confronto desse sistema patriarcal opressor. Ela (re)significa as heranças culturais pautadas na identidade negra e direciona essas personagens ao enfrentamento desse sistema, até mesmo valorizando as suas origens. Fazendo com que o alcance do texto chegue de maneira a repensar ou até mesmo modificar também a situação social vivida na realidade.

Conceição Evaristo utiliza da memória para contar suas histórias e pela memória ser muitas vezes efêmera entra aí o ato ficcional e a mistura de fatos e elementos:

[...] a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento. (Evaristo 2009)

Essa literatura produzida pela escritora, utilizando o fato da memória busca mais que contar histórias, faz parte do movimento de escrita negra feminina que luta para recontar os fatos da perspectiva feminina. Essa escrita que não tem como objetivo tomar o espaço da literatura produzida por homens, e nem falar apenas de coisas inerente a uma abstração da mulher, “mas pelas suas temáticas e representações de personagens femininas, tensionadas e nutridas pelos desejos de autonomias políticas e culturais e pelos anseios por conquistas do espaço público”.

Em depoimento concedido a Eduardo Assis Duarte em novembro de 2006, Conceição Evaristo fala, entre outras coisas, sobre sua infância, seu contato com a literatura e sobre os elementos constituintes da literatura afro-brasileira. De início, o autor pergunta sobre sua infância e a escritora nos surpreende ao relatar que apesar dos males vividos ainda relata gostar de lembrar do período. Por ter uma visão bastante poética consegue fazer ressurgir significados outros para as situações vividas. Lidando com a questão da memória de maneira a resgatar os fatos e narrá-los em forma de protesto. Ela ainda diz sobre a sensibilidade adquirida nesse período.

No decorrer da entrevista ainda fala sobre o diário que sua mãe Joana Josefina Evaristo Vitorino escrevia. Conceição Evaristo diz sobre sua mãe ser a *guardiã da memória familiar* e da importância do contato com o livro **Quarto de despejo**. O que segundo a escritora

despertou em sua mãe a vontade de expressar-se na escrita. A autora utiliza o elemento da memória para criar uma diáspora identificatória em seus escritos, o que também os torna elementos de contestação da história única.

Ainda nessa entrevista, a escritora, além de falar sobre os aspectos poéticos e conteudístico de seus escritos, e do enfoque ao que se refere a seu papel como escritora e romancista, ela ainda responde a uma pergunta direcionada a sua posição de pesquisadora. A pergunta, feita por Duarte (2011) gira em torno dos elementos constituintes da literatura afro-brasileira e o que a diferencia da literatura brasileira *tout court*. Conceição Evaristo então responde que os elementos considerados por ela demarcadores de uma literatura afro-brasileira são:

[...] a afirmação de um pertencimento étnico; a busca e a valorização de uma ancestralidade africana, que pode ser revelada na própria linguagem do texto, na estética do texto; a intenção de construir um contradiscurso literário a uma literatura que estereotipiza o negro; a cobrança da reescrita da História brasileira no que tange à saga dos africanos e seus descendentes no Brasil; a enfática denúncia contra o racismo e as injustiças sociais que pesam sobre o negro na sociedade brasileira. (Evaristo 2011)

Ela continua e elenca a questão da autoria como um dos elementos principais e mais importantes para caracterizar e constituir a literatura afro-brasileira. A autoria seria a real afirmação desse texto, pois as experiências, as memórias e a sua condição de mulher e negra no país influencia de várias maneiras a sua escrita. A tornando reveladora da afrodescendência.

Dentro da questão da autoria ela ainda fala sobre o ponto de vista. Seguindo a linha de pensamento na qual o ponto de vista é dado pelo autor que carrega essa afrodescendência. Ela diz: “a questão da autoria para mim gera outras reflexões diante da afirmativa de que a literatura afro-brasileira se constitui a partir do ponto de vista, da perspectiva do texto. [...] Mas a perspectiva, o ponto de vista do texto é dado por um autor”. (Evaristo 2011)

Autor esse carregado de experiências que muitas vezes não se desvincula da escrita. Embora admita a existência de escritores e escritoras negros que não tomam o tema para sua produção.

4.1 ESCREVIVÊNCIA

A escrita de Conceição Evaristo é carregada de elementos de sua vivência, de sua memória afetiva, e da experiência como mulher negra, periférica e afro-brasileira. Retrata o

cotidiano das mulheres negras, seu sofrimento diante de uma sociedade estruturada através do patriarcado. Mas a representação dessa mulher negra também está na exaltação de sua força ao enfrentar todas essas mazelas e mesmo assim prosseguir. Coloca essas mulheres em posição de destaque e de protagonismo, para evidenciar sua luta e sua força. Para definir essa fusão entre o ficcional, a vivência e o ato de escrever sobre essas vivências a escritora criou o termo: *Escrevivência*. Que se define por ser uma escrita oriunda dos fatos do cotidiano, das memórias, do saber e das experiências sua e de seu coletivo afrodescendente. Um texto literário criado a partir dessas vivências, de uma memória histórica e de ficção, como ela relata no início de **Insubmissas lágrimas de mulheres**:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência* (EVARISTO, 2016, p. 7).

A ficção criada a partir desses elementos, da *escrevivência* de Evaristo torna-se reivindicatória não somente pela temática negra ou pela cor da pele da autora, mas, especialmente, pelo pensamento emancipatório que fundamenta suas escolhas estéticas, a linguagem que a autora utiliza e os direcionamentos dados as tramas.

Essa literatura se torna um ato de resgate ao ser negro e de (de)silenciamento desse grupo marginalizado. Como um grito que surge para resgatar a identidade negra. Em afirmativa disso ela diz: “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p.21). Nessa afirmativa ainda podemos ver o teor do projeto estético que Evaristo produz. Articulado um contra discurso que rompe com os padrões estabelecidos pelo cânone. Uma escrita que toca sempre em profundidade em questão da condição da mulher no contexto social brasileiro.

Em razão do destaque e importância da escritora Conceição Evaristo na literatura afro-brasileira e na escrita feminina, dedicarei o capítulo seguinte para análise de dois contos da escritora: Olhos d'água e Maria. Contos esses publicados no livro **Olhos d'água** (2014).

O fio condutor da análise se dará a partir das perspectivas discursivas social dos dois contos. Desconstruindo a questão da análise normativa da literatura e abrindo espaço para denúncias e as situações de violência dispostas nos contos. Serão levantados pontos que comungam com a questão da autoria negra, a representação da mulher negra como personagem de destaque na literatura e os aspectos da escrita afro-brasileira.

5 DO LIVRO OLHOS D'ÁGUA

Conceição Evaristo em sua trajetória literária usou de sua escrita para fundamentar uma visão diferenciada do ser mulher negra no Brasil. Ao criar personagens femininas com maior destaque e enfatizar a sua luta e sua resistência, ela nos faz refletir sobre o modo como o racismo estrutural faz da vida e história da mulher negra invisível.

O livro **Olhos d'água** reúne 15 contos, onde são narradas várias histórias de marginalização do povo negro afrodescendente. Podemos perceber as características dispostas nesta monografia no que diz respeito tanto ao fazer literário afro-brasileiro, na escrita negra feminina e na representação de personagens negros na literatura. Nesses contos a escritora discorre sobre vários eventos do cotidiano de pessoas negras e revela a marginalização sofrida por eles.

É o quinto livro da autora e foi lançado em 2014 pela Fundação Biblioteca Nacional: Pallas. Esse livro se tornou leitura obrigatória em vestibulares e ganhou o prêmio Jabuti em 2017. O que mostra a eficiência da escritora, sua vasta visão e criatividade literária. A escritora consegue narrar fatos de violência e tragicidade com uma poesia cheia de beleza e riqueza.

5.1 CONTO OLHOS D'ÁGUA

O conto Olhos d'água tem o nome que intitula o livro e é também o primeiro conto do mesmo. Narra a história de uma mulher negra lembrando-se das imagens que guarda de sua mãe, mas com uma pergunta central “De que cor eram os olhos de minha mãe?”. Os olhos concebidos como espelhos da alma, nos mostra que a personagem busca além da literariedade da cor dos olhos. Conceição Evaristo usa esse termo de maneira estratégica, uma metáfora para mostrar a procura dessa personagem por respostas sobre as realidades que viveu. Quando a personagem busca a cor dos olhos da mãe, essa mãe estaria significando também a sua própria identidade. Buscando nesses olhos uma memória que vai trazer para ela reconhecimento de si mesma.

O conto que dá voz a essa personagem negra e pobre, sendo ela a narradora do conto em primeira pessoa, parece contar um pouco da biografia da escritora. Que também deixou o lugar onde morava a procura de melhores condições de vida.

No decorrer do conto vemos que na tentativa de lembrar da cor dos olhos de sua mãe implica em revisitar as memórias de seu passado de pobreza, a adolescência breve, mas

também do como conseguiu conhecer a sua mãe nesse contexto, a sua mãe driblava as questões da exclusão social e da violência sofrida com brincadeiras:

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umaz viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2014, P. 17)

Com essas brincadeiras a mãe tentava em sua sabedoria distrair as filhas para que naquele momento não sentissem a dor da fome. As histórias que ela contava para distrair a fome:

Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. (EVARISTO, 2014, P. 17)

Nessa brincadeira podemos ver que a autora nos mostra um passado ancestral negro. Onde ainda haviam rainhas negras e princesas. Vemos então os diversos contextos que os escravizados ocupavam em seu lugar real. Que entre as pessoas raptadas de seus países haviam também rainhas. Então a partir desse contexto de brincadeiras é que elas devolvem para a mãe o lugar que ela deveria ocupar. Por meio dessa brincadeira elas devolvem simbolicamente essa identidade de rainha e delas de princesas.

Lembrar dos olhos de sua mãe era remeter esse olhar para a questão da ancestralidade, da religiosidade. É lembrar de suas tias, as mulheres fortes que passaram por sua vida. Nessa busca íntima sobre qual seria a cor dos olhos de sua mãe, a narradora vai nos encaminhando em suas memórias e nos fazendo refletir sobre o ambiente social ao qual vivemos. Aos privilégios que uma elite tem em detrimento do povo negro e pobre.

Olhando ainda o título do conto “Olhos d’água” podemos pensar nele como símbolo da memória, da tristeza, do choro, mas também nos leva a pensar nesses olhos d’água como um vínculo com uma identidade ancestral africana. A relação das culturas africanas com os elementos da natureza e consecutivamente com essa água que sai dos olhos de sua mãe formando um rio. Trazendo também elementos dessa ancestralidade africana através da

religiosidade: “A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum”. Olhos d’água traz também a ideia de oxum.

Ao fazer essa pergunta ela está querendo saber qual é a identidade negra dela, buscando essa herança de matriz africana no passado, na mãe e na ancestralidade. Porque ao saber a cor dos olhos dessa mãe ela estará sabendo a cor dos olhos dela também e a sua identidade.

Quando a narradora não encontra os olhos da mãe Conceição Evaristo revela que existe uma identidade negra que não é facilmente encontrada. Como é, por exemplo, a nossa relação como afro-brasileiros e nossos ancestrais. Nesse processo cruel de escravização, em um ato de crueldade, os escravizados raptados de seus países tinham seus nomes trocados, eram separados de seus próximos. Com isso hoje se torna quase impossível resgatar essa nossa árvore ancestral. Um apagamento estratégico da identidade negra.

Evidenciando esse lugar de pobreza extrema onde vivia, a narradora fala sobre a religiosidade da mãe em momentos de grande aflição. A chuva forte poderia destruir o lugar já precário que viviam. Ela diz:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. (EVARISTO, 2014, P. 17)

Relatando sobre a reza dessa mãe para Santa Bárbara a autora também nos remete para a união de dois elementos: a Santa Bárbara do catolicismo e Oxum, que é um orixá das religiões de matriz africana representante da água doce. Duas culturas entrando em diálogo.

Para terminar o texto ela narra:

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: — Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2014, P. 19)

Podemos perceber então que, ao conseguir se reconhecer enquanto mulher negra carregada de ancestralidade, ao encontrar sua identidade nos olhos de sua mãe ela carrega essa

herança ancestral. Herança de um processo de apagamento do ser negro que vai passando entre as gerações.

Todas essas mulheres mostradas no conto revela o quanto Conceição Evaristo se preocupa com a figura da mulher e com a (re)significação da personagem negra na literatura. Tanto que a escritora as coloca no centro da narrativa na maioria de seus escritos. Mulheres negras que seguem denunciando, reconstruindo suas histórias e deixando em evidência essas narrativas.

5.2 CONTO MARIA

Esse é o quarto conto do livro *Olhos d'água* e tem como personagem principal “Maria”, nome que metaforiza várias outras Marias e mulheres do nosso contexto social. Esse nome é carregado de simbologias como a da mulher forte, da que luta por seus objetivos e que muitas vezes enfrenta o sistema em que vive. Mas também é um nome marcado pela marginalização e inferiorização da mulher.

O conto narra a história de Maria, mulher negra, empregada doméstica que cuida de seus filhos sozinha em uma favela. O texto, narrado na terceira pessoa começa contando sobre a rotina de exaustiva e humilhante da personagem. Que por ser muito pobre leva restos de comida da casa onde trabalha para ela e seus filhos. Nessa ocasião ainda podemos ver as questões que envolvem a diferença social. A violência tratada no conto não é só a física, mas a simbólica, no momento em que a patroa faz uma festa farta de comida e Maria só tem direito aos restos do dia seguinte.

Os eventos do conto se passam dentro do ônibus na volta da personagem para casa. Podemos notar que a Conceição Evaristo escreve sobre um lugar que poderia estar em qualquer cidade. Mostrando que o que acontece a Maria no decorrer do conto não tem relação apenas com ela, mas sim com toda uma construção social patriarcal que explora e violenta a mulher negra e pobre e naturaliza o modo como essas mulheres são tratadas. Um racismo arraigado na cultura identitária brasileira adquirido pelo período de escravização e os demais pensamentos de país tolerante. A autora ao escrever essa Maria faz uma denuncia não só desse fato, mas das mazelas sofridas todos os dias por mulheres negras. Praticando dessa maneira algo além do fazer artístico, a escritora se manifesta politicamente, expondo o que foi silenciado por muito tempo.

Utilizando de sua expressão poética/artística Conceição Evaristo detalha a tragédia de Maria que queria apenas voltar para casa e ver os seus filhos depois de um dia cansativo. Mas

também exerce um papel de ativista social ao dar voz a essa personagem silenciada. Dentro do ônibus Maria reconhece o pai de um de seus filhos. O homem senta ao seu lado e depois de sussurrar algumas palavras a ela sobre a saudade e sobre o seu filho, levanta sacando uma arma e junto a outro amigo assalta os passageiros, menos Maria. Isso já é o estopim para começarem as acusações contra Maria colocando-a como cúmplice dos assaltantes e lhe proferir palavras ofensivas:

[...] O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. (EVARISTO, 2014, P. 41)

Podemos notar a vulnerabilidade dessa mulher negra nesse espaço. Ela que também sentiu medo, medo da morte não permitir que ela crie os seus filhos, mas logo se tornou culpada aos olhos dos julgadores. Nesse sentido o conto mostra o peso que a mulher negra carregada dúvida de seu caráter e de sua decência. Maria está encurralada nesse discurso e postura de ódio ao negro. Presa no fato onde ser negra e mulher já se torna culpada e merecedora de todos os castigos possíveis, assim como acontecia no período da escravização.

Voltando para as questões de identidade que são marcas da escrita de Conceição Evaristo, ela não dá nome a ninguém além de Maria no conto. Aplicando a ela todos os sentimentos e sensações comuns dos seres humanos: saudades, preocupação com os filhos. Tudo isso para enfatizar que não faz sentido a marginalização dessa mulher - não só da personagem, mas de todas as mulheres negras - do ambiente social. Vemos que essa identidade negra, assim como no conto anterior ela é difícil de ser encontrada, são constantemente violadas. Maria ali era só mais uma mulher negra sem valor algum e que nem poderia tentar se justificar para o seu ofensor. Não tem voz, ali não importa o que pensa, ou sente, ou quem é. E é justamente essa concepção que o hetero branco tem do feminino negro em toda história da sociedade brasileira. Maria acaba sendo linchada, diminuída.

[...] Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arreventado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. (EVARISTO, 2014, P. 42)

Maria morreu silenciada, assim como morre um pedaço de cada mulher negra que é constantemente obrigada a passar por situações de violência. Morreu assim como morre muitas outras mulheres negras vítimas de injustiça por ser negra e pobre. Mas Conceição Evaristo ao evidenciar a fala dessa mulher no conto, também faz com que essa voz que enfrentou seu agressor e que guardava um recado para seu filho ecoe como ato de resistência e protesto a esse sistema opressor da nossa realidade.

A Maria do conto representa todas as mulheres negras que estão em busca de sua identidade e de seu lugar na sociedade.

Analisando esses dois contos podemos perceber o compromisso da escritora com a escrita afro-brasileira dentro da literatura contemporânea, bem como com a representação da mulher negra nesses escritos. As vozes não autorizadas passam a falar em suas produções, passam a questionar as histórias antes contadas e assim promove o resgate das memórias do passado, de seus ancestrais. E, a partir disso, (re)significa essas histórias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse estudo possibilitou a análise da representação da escrita negra na literatura brasileira. Mostrando o percurso histórico dos movimentos negros do século XIX até a contemporaneidade. Foram analisadas as influências dos movimentos externos - tanto de libertação nos países africanos lusófonos, quanto o movimento negro estadunidense e europeu - para a produção literária negra.

O estudo dedicou-se a compreender, a partir dessas historiografias, o contexto subalterno ao qual as mulheres negras eram resignadas, fazendo ponte com suas representações tanto no âmbito da autoria como de personagens.

Utilizando dados da pesquisadora Regina Dalcastagnè (2005), pudemos notar a marginalização dos personagens negros na literatura brasileira, bem como o baixo número de escritores negros nos romances analisados. Nessa perspectiva, visualizamos que toda a história mundial de racismo, exclusão e violência ao povo negro se reverbera na literatura e no subconsciente social. A partir desta pesquisa conseguimos também investigar sobre a presença do feminino negro no personagem e no fazer literário. Para a compreensão acerca disso, os estudos se debruçaram ao estudo das manifestações de resgate dessa identidade negra contidas na literatura afro-brasileira e em especial na poética da escritora Conceição Evaristo.

O novo olhar comprometido da literatura afro-brasileira se deu no texto como questão de extrema importância para a nova significação desses sujeitos na sociedade. Para tanto, as reflexões sobre poética da escritora Conceição Evaristo e análise de dois contos da autora, foram vitais para a compreensão desse resgate da memória e da identidade negra. Na escrita da autora vemos o rompimento com o cânone e marca a quebra dos estereótipos da mulher. Ao construir personagens que se mostram protagonistas de suas próprias histórias, Conceição Evaristo nos mostra a importância da escrita negra feminina para a literatura brasileira. São mulheres negras falando sobre mulheres negras e sobre a realidade que elas vivem.

As conclusões percebidas a partir do estudo literário e dos contos analisados: Olhos d'água e Maria é que as representações hegemônicas do povo negro e da mulher negra na literatura silenciou e marginalizou por muito tempo o povo negro. Essas novas literaturas - se tratando do Brasil - afro-brasileiras, surge como (re)significação desses lugares de fala e dessas representações.

A respeito da trajetória de vida da escritora Conceição Evaristo e sua presença na literatura afro-brasileira consegue-se mostrar a importância da mesma nesse movimento de (de)silenciamento do negro e em especial da mulher negra. O como seu fazer literário consegue ser revolucionário a ponto de atingir de forma reflexiva a sociedade.

Ao fazer a análise dos contos *Olhos d'água* e *Maria* verificou-se que as situações vividas pelas personagens nos faz refletir sobre a relação entre a sociedade e a identidade negra. Em termos gerais a busca por essa identidade negra e a denúncia social são os pontos principais analisados nos contos e ao escrever sobre esses personagens a escritora traduz toda uma luta negra. A partir disso conseguimos perceber que os objetivos dessa literatura foram alcançados e os elementos identificatórios distinguidos.

Dada a importância do assunto, torna-se indispensável a elaboração meios que otimize a divulgação e inclusão dessas literaturas de forma mais eficiente nos espaços acadêmicos. Sendo necessária também a reflexão sobre a construção da sociedade brasileira e as ações da mesma na contemporaneidade. Fazendo dessa reflexão motivação para um novo comportamento social e pensar literário.

Para isso a utilização de literaturas como a da escritora apresentada se faz necessário para adquirir essa consciência racial. Ler os escritos de Conceição Evaristo é ver um ato de resistência sendo narrado a cada palavra. É ver as raízes identitárias negras sendo elevadas e resgatadas. Construindo no presente uma expectativa de novo olhar para o futuro.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1.ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

DUARTE, Eduardo Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. V. 2. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. V. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos: O direito à literatura**. 3ª edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações**. V. 2, n. 1. Vitória da Conquista: Fólio – Revista de letras, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro. Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Publicado no livro Representações Performáticas Brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces. (org) Marcos Antônio Alexandre, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21. Disponível em: < <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

LIMA, Juliana Domingues de. **O que são slams e como eles estão popularizando a poesia**. Jornal NEXO, 20 Dez. 2016. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/20/O-que-s%C3%A3o-slams-e-como-eles-est%C3%A3o-popularizando-a-poesia> >. Acesso em: 31 jan. 2019.

ANEXOS

Olhos d'água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela. Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo ela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe.

Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas

brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas

próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

(Olhos d'água, p. 13-19)

Maria

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?

A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjooos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava

dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembrava vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria

punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

(Olhos d'água, p. 39-42)